

*À Beira da Vida*



Carolina Pessôa

# À Beira da Vida

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2021

Capa: Roberta Pauletich

Edição: Paulo Ballado

Projeto gráfico e diagramação: Roberta Pauletich

Revisão: Érika Roxo

Impressão: Meta Solutions

P475a Pessôa, Carolina

À beira da vida / Carolina Pessôa - Rio de Janeiro  
Guardião, 2021.

68 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-88413-02-9


1. Literatura brasileira. 2. Romance I. Pessôa, Carolina.  
II. Título.


CDD - B869.3

Catálogo elaborado por Gisele Britto - CRB-7 6149

[guardiaoeditora@gmail.com](mailto:guardiaoeditora@gmail.com)

[www.editoraguardiao.com.br](http://www.editoraguardiao.com.br)

 @editoraguardiao

 @editoraguardiao

# Índice



23 anos de saudade e dor

13



Meu primeiro amor

33



Reencontro desencontro

53



À Beira da Vida

9



Porra, Nanda!

27



Acertando as contas  
com o passado

47



Flor de Lótus: A mudança final

63



Lembrança de  
amor antigo

19



Seja o que for, que seja pleno

41



Um novo amor?

55

## À Beira da Vida

# Agradecimento



*Ao amor, em suas múltiplas formas.*





# À Beira da Vida

Ela se encontrava aos pés de uma igreja, bem no alto de uma montanha. Uma enorme escadaria levava ao local. Para os fiéis, subir tudo aquilo era prova de fé. Para Alice, apenas um percurso necessário para cumprir seu objetivo: a morte. Escolheu aquele local porque pensou que talvez, com um pouco de sorte, fosse mais fácil se encontrar com Deus por partir dali. Não que ela acreditasse em Deus, né? Alice era atea e estava decidida: se jogaria do alto do penhasco.

Mas antes de desenvolver a história, vamos conhecer Alice. Ela tem uma mente complexa, de outro mundo. Ninguém conhece Alice muito bem, nem ela mesma. Seu cérebro funciona a mil por hora no 220. Ela é heroína, é carrasca, é fada, é princesa, é bruxa. Tem tudo e nada dentro de si.

Já faz um tempo que Alice se perdeu nesses sentimentos. Sofreu demais. Pensou que havia superado. Mas ficou um vazio no peito. Foi isso que a conduziu até aquela pálida construção, em um dia vazio, cinzento. Da cor da sua alma naquele momento.

Ao chegar lá, ela se despiu. Dobrou cuidadosamente seu vestido, longo como sua vida e cheio de remendos, representando seus inúmeros desencontros e aborrecimentos. Ficou como veio ao mundo. E assim voltaria de onde viera. Nua!

Um vento frio percorria o local naquele fim de tarde de junho. Alice sentiu um frio na espinha e surgiu uma voz na consciência:

- Alice, você está mesmo pronta para isso? - disse a voz.

Ela ficou confusa. Sabia que estava triste, devastada por dentro. Mas não louca o suficiente a ponto de ouvir vozes. Mesmo assim respondeu:

- Ninguém nunca está pronta pra nada nessa vida.

- Por que, então, não esperar e pensar um pouco mais? - retrucou a voz.

- Já esperei demais. Sonhei demais. Vivi demais. Amei demais...

- Como você está se sentindo?

- Cansada.

Em silêncio, Alice se encaminha para a ponta do morro. Precisa silenciar aquela voz. E acabar com a dor.

- Sabia que quem se mata não quer de fato morrer? E sim acabar com a dor?

- Maldita voz! - pensa Alice, mas não diz nada.

- Não faça nada que vá levar a um arrependimento depois. - insiste a voz.

- Não há arrependimento depois da morte. Simplesmente acaba. É como dormir, só que para sempre.

- Tem certeza? - a voz não desiste.

- Eu não sei por que de repente te devo satisfações! -  
protesta Alice.

- Porque você quer, Alice. Você me chamou aqui. Como nos sonhos. Eu sou uma projeção do seu inconsciente falando contigo. E você não quer partir. Você quer ficar, ser feliz. Viver!

- Viver mais? Eu já vivi o suficiente. Meu cartão está estourado. Meu pote está cheio, prestes a transbordar. -  
Alice chora.

- Transborde de amor, Alice. Transborde de vida. Responda aos desafios com o dobro de energia. Você tem isso dentro de si. Você sabe disso.

- Acho que me viciiei na tristeza. (como em uma música de Jaleo)

Alice enxuga as lágrimas, recua, pensa.

- Me viciiei na tristeza só para não dar o braço a torcer. Sofrer se tornou mais cômodo do que superar.

A voz não responde. No coração, Alice já sabe a resposta. Recolhe as roupas e olha para a igreja. É atea e nada vai mudar. Mas hoje, só por hoje, ela vai entrar e tentar aprender algo diferente: rezar. Mas que isso, ela vai sobreviver. E renascer.



## 23 anos de saudade e dor

Lia foi ao supermercado naquele fim de tarde de quinta-feira comprar alguns produtos que faltavam. Por isso, pegou só uma cestinha. Precisava de pão, queijo, um pouco de carne, sabão em pó e shampoo. Provavelmente levaria mais coisas. Era sempre assim. Planejava levar cinco coisinhas, mas sempre saía com, pelo menos, dez.

Ela tinha quase 50 anos e carregava no rosto muitas marcas da vida. Parecia ser mais velha. E havia motivo pra isso. Teve um câncer tempos atrás, e no ano anterior seu marido morreu. Nada disso a destruiu tanto por dentro quanto a perda do seu filho há 23 anos.

Não se apresse leitor, ele não havia morrido. O filho de Lia havia sido roubado. Dentro de um hospital público, em plena luz do dia e de forma inexplicável. Lia nunca se perdoara por isso. Mas ela era só uma jovem, em uma cidade grande, e abandonada pelo homem que amara. Ela não havia nem conseguido comunicar a ele que estava grávida, porque o maldito simplesmente sumiu do mapa, sem nenhuma explicação.

Na lembrança, apenas alguns segundos em que conseguiu ver o filho, que logo foi levado pelos enfermeiros. Lia teve graves complicações no parto, precisava de cuidados urgentes. Quando enfim acordou, horas depois, a

tragédia já havia acontecido. Ninguém sabia explicar onde estava a criança.

O caso teve repercussão na época. Lia foi aos jornais, procurou a defensoria pública, fez tudo o que pôde. Passou sei lá quantas noites sem dormir. Mas a criança nunca fora encontrada. E todos, é claro, esqueceram a história. Menos Lia, que ainda carregava um fio de esperança de encontrar o filho.

Até que o inacreditável aconteceu. Ainda naquele mesmo supermercado simples e ridiculamente padronizado, poucos metros a sua frente, Lia viu um jovem que aparentava uns 20 anos. Era um menino bonito, levemente ruivo, que a fazia lembrar um grande amor (e uma grande dor do passado). Ele estava colocando as compras na esteira e quando foi pagar olhou de relance para trás, na direção de Lia, o que foi o suficiente para que ela tivesse certeza. Aquele menino era o seu filho. Era ele. Lia quase morreu por dentro naquele instante.

O jovem pagou e saiu do supermercado. Num ímpeto, quase tendo um ataque cardíaco, Lia largou a cestinha e saiu correndo atrás dele. Ela não sabia o que fazer, mas foi seguindo o menino sabe-se lá pra onde, com o coração na boca e as mãos tremendo.

Um quarteirão depois ele parou em um sinal. Sem pensar, tomada pela emoção, Lia avançou para cima do rapaz e colocou a mão em seu ombro. Ele, surpreso, disse.

- A senhora está precisando de alguma ajuda?

Veja o final dessa história de Carolina Pessôa clicando em um dos botões abaixo e adquira seu livro nos melhores sites de venda.



A Editora Guardião agradece.

Boa Leitura!

